

A toada como ferramenta folkcomunicativa: uma análise sobre questões raciais presentes no boi bumbá de Parintins

⁴⁰

Onan Ferreira da Silva⁴¹

Adelson da Costa Fernando⁴²

Universidade Federal do Amazonas, Parintins, AM

Resumo

Entendendo a toada como ferramenta de comunicação popular de grupos subalternos na qual o ativista folkmidiático (compositor) elabora seu discurso para chegar de forma compreensível àqueles que não tem escolaridade ou não possuem acesso as grandes mídias.

⁴⁰ Trabalho apresentado no GT 02 Expressões da Folkcomunicação na Cultura Popular da XXI Conferência Brasileira de Folkcomunicação.

⁴¹ Mestrando em Comunicação pela Universidade Paulista “Júlio de Mesquita Filho, Unesp - Bauru. E-mail: onanferreira02@gmail.com

⁴² Doutor em Ciências da Religião, professor do Curso de Jornalismo do ICSEZ e do PPGSCA/UFAM e Diretor Regional norte da Rede Folkcom – Contato: acostaf@ufam.edu.br.

Através da folkcomunicação teoria elaborada por Luiz Beltrão é possível analisar essas mensagens contidas nas toadas e por meio deste método estudá-las para entender o aporte antirracista que possui, especificamente na toada Cabanagem, do álbum do Boi Garantido do ano de 2022. Para este estudo foram realizadas pesquisas bibliográficas e entrevistas com os compositores da toada, que será utilizada para a análise da negritude que ajudou na formação da Amazônia, assim como chamar atenção metaforicamente aos índices de violência e de atos racistas as pessoas negras no Brasil.

Palavras-chave

Folkcomunicação; Toada; Ativista Midiático; Antirracismo.

Folkcomunicação de Luiz Beltrão e a toada como ferramenta folkcomunicativa

Parintins é uma cidade do interior do Amazonas, localizada à 369 km da capital Manaus. É uma ilha que o acesso é possível somente por vias aérea ou fluvial. Habitada por pouco mais de 116.000 pessoas, é um local hospitaleiro e pujante de muita criatividade. O município é conhecido por sediar um dos maiores espetáculos a céu aberto do mundo, o Festival Folclórico de Parintins, uma brincadeira centenária e uma disputa que ocorre anualmente no último final de semana do mês de junho. O evento é composto por dois bois de pano Caprichoso (azul e branco) e Garantido (vermelho e branco) que alimentam o imaginário dos caboclos e turistas numa rivalidade que começou em quintais e terreiros da antiga ilha chamada Tupinambarana.

O duelo entre os bois ocorre na arena do Bumbódromo, que recebe este nome em referência aos bumbás. O espaço é idealizado para a apresentação de 21 itens que concorrem notas durante três noites de muita animação e embaladas por toadas durante duas horas e meia de teatralidade na arena. Essas toadas são o fio condutor da apresentação dos bois nas quais tratam temáticas importantes sobre temas que os bumbás exploram dentro da arena do bumbódromo.

A toada segundo Cascudo (1979), é uma cantiga ou canção breve, em geral de estrofe ou refrão, em quadras, cujos temas principais são líricos (sentimentais) ou brejeiros (jocosos). A toada é um veículo o qual já passou por algumas variações desde sua gênese. Na década de 80 a toada era vista como uma música regional de desafios nas quais os bois saíam nas ruas para alegrar a comunidade numa forma recreativa e alimentando a rivalidade que até os dias de hoje persiste dentro da arena. A partir da década de 90, a toada começou a cantar a Amazônia e suas belezas naturais, seus recursos, sua fauna e sua flora, era uma romantização do caboclo com sua amada/morena bela na brincadeira de boi bumbá.

Nos anos 2000, com mais visibilidade do festival de Parintins e desta vez com a transmissão na tv firmada por uma emissora, as toadas foram se adequando aos discursos e assuntos sociais discutidos nas grandes mídias como: feminismos, povos originários, intolerância religiosa, preconceitos e racismo. Devido ao alcance mundial da manifestação folclórica dos bois, a brincadeira por meio da toada abrangeu esses debates para disseminação de ideias e como porta voz das minorias.

No ano de 2022, o boi bumbá Garantido, apresentou como tema: Amazônia do Povo Vermelho, e na segunda noite do festival como subtema defendeu as Lutas, Resistências e Revoluções. Esta noite foi

marcada, cantada e teatralizada pela negritude que contribuiu para a formação da Amazônia. A toada interpretada por Edilson Santana, um homem negro conta um movimento que marcou a história do Brasil. Com o nome de Cabanagem a toada faz parte do álbum de 2022 e é de composição dos músicos artistas: Naferson Cruz, Gabriel Moraes, Rubens Alves e Joel Almeida.

Esta pesquisa busca analisar a toada como mecanismo de discursos “antirracistas” e ferramenta folkcomunicativa de grupos subalternos. Para Beltrão (1980) os agentes- comunicadores utilizam o canal que dispõem e da qual tenham conhecimento para apresentar em suas mensagens as vivências, necessidades e anseios de seu público, sendo que, os compositores se tornam esses agentes quando exprimem os anseios aos demais grupos.

Divido em três partes, buscou-se apresentar a teoria da folkcomunicação e a toada como veículo de comunicação, em seguida mostrar o compositor como ativista midiático, responsável criar códigos nos quais a classe subalterna irá compreender as mensagens, e por final fazer a análise da toada como ferramenta antirracista de comunicação popular para pessoas que compõem e acompanham a festa do boi bumbá.

A Folkcomunicação é a primeira teoria da comunicação social de origem brasileira. Criada por Luiz Beltrão na década de 1960 a partir de uma tese de doutorado, intitulada: “Folkcomunicação: um estudo dos agentes e meios populares de informação de fatos e expressões de ideias”. Esse estudo surge a partir da inquietação de Beltrão frente aos modos de como as classes subalternas mantinham a comunicação.

Nessa perspectiva a folkcomunicação é presente na grande demanda dos estudos culturais realizados em território brasileiro pois apoia-se no auxílio da metodologia fundamentada por Beltrão como:

O estudo dos procedimentos comunicacionais pelos quais as manifestações da cultura popular ou folclore se expandem, se sociabilizam, convivem com outras cadeias comunicacionais, sofrem modificações por influência da comunicação massificada e industrializada ou se modificam quando apropriadas por tais complexos (HOLHFELDT, 2002, p.25).

Beltrão analisava a comunicação popular como manifestação própria dentro de um determinado grupo cultural (GOBBI, 2007, p. 16). Luiz Beltrão era jornalista, professor e é uma figura importante no cenário acadêmico brasileiro, pois teve seus estudos disseminados na América Latina. Foi por meio da folkcomunicação que pôde-se ter mais compreensão dos estudos sobre as manifestações populares.

Deste modo a cultura popular ganhou lugar de objeto de análise em estudos científicos com visibilidade para os processos comunicacionais existentes dentro dessas manifestações. Para Beltrão era o espaço onde o homem subalterno elaborava seu modo de comunicação/interação com outras cadeias.

A cultura brasileira é resultado de difusões e de intercâmbios, de culturas antigas, como indígenas, africanas e migrantes (japonesa, italiana, alemã etc.) e da própria imigração de norte ao sul do país. Isso possibilita um grande enriquecimento de signos e significações permeados pelos meios massivos aos meios populares que se manifestam no folclore. Há vários tipos de processos da folkcomunicação pelos quais as manifestações da cultura popular se desenvolvem.

Em Parintins, por exemplo, onde ocorre o Festival Folclórico é por meio da toada que se manifesta e mantém a interação desse processo

comunicacional com os demais grupos sociais. Sendo a toada uma espécie de música cantada em Parintins, é responsável pela dança do dois pra lá e dois pra cá que se tornou identidade cultural pela sua singularidade do ritmo.

A toada é o fio condutor do espetáculo e são importantes por dar ânimo e propor várias reflexões a respeito de discursos que os bois defendem durante suas apresentações. Para isso, os compositores que são os responsáveis por produzir as toadas mergulham num mundo de pesquisa para idealizar numa linguagem poética os enredos que as compõem.

Sendo a toada à música cantada durante as apresentações dos bois no Festival Folclórico de Parintins, e produzida de uma forma artesanal por meio dos compositores a mesma possui atributos que permitem uma reflexão aos discursos impostos pelos bois. Existem toadas para alguns momentos do boi bumbá como: toadas de galera, toadas de itens, toadas de figura típica regional, toadas de lendas e rituais. Também concorre ao item de número 11, Toada, Letra e Música que por sua vez é avaliada pela sua melodia e letra.

Por meio da toada é possível observar signos e símbolos folks, responsáveis por serem transmissores de ideias e opiniões, no qual a manifestação popular presente na brincadeira do boi bumbá de Parintins comunica. As letras das toadas por sua vez, transmitem um conhecimento popular e abarcar diversos discursos de valorização a cultura, a floresta Amazônica e chega à um momento de incluir os temas que são tratados na grande mídia massiva.

Mas a toada nem sempre teve esse viés de um apelo social, na sua essência a toada era apenas uma música de desafio na qual os bois entoavam em suas saídas nas ruas em

forma de cortejos pela cidade. As toadas eram uma forma de um boi “cutucar” ao outro havendo a rivalidade que tanto alimenta essa brincadeira centenária.

A folkcomunicação está presente dentro da toada pois cumpre o objetivo de chegar as camadas populares que participam da manifestação cultural do boi bumbá:

As toadas de boi bumbá trazem mensagens folkcomunicativas com informações, opiniões, conceitos e atitudes da massa. Essas mensagens vêm sendo veiculadas tanto oralmente (como desde a sua gênese foi feita) como através das rádios locais, televisão e meios digitais (MATOS, 2008, p. 13).

Ao decorrer do tempo essas músicas populares da brincadeira passaram a relatar o apelo pela preservação da floresta, dos animais e de todos os seres que nela habitam. Esses discursos incluídos na década de 90, eram suportes no qual os bois exploravam para defenderem temas que anualmente apresentam na arena do bumbódromo.

Para a elaboração da toada existe um compositor responsável pela produção e pesquisa no qual vai embasar o texto que compõem a mesma. Os compositores estão ligados diretamente com o folclore e através das letras das canções apresentam concepções sobre a realidade social.

O compositor ativista folk

Os compositores das toadas de Parintins apresentam obras com diversas demonstrações de riquezas de culturas e muitos discursos que

nos dias de hoje permeiam nos rádios, programas televisivos e na internet. Mas essas abordagens são possíveis de acordo com os temas que os bois bumbás retratam na arena do bumbódromo a cada ano. No sistema da folkcomunicação, as manifestações trazem os resultados de uma atividade artesanal de um agente folkcomunicador, que é o responsável do processo de difusão das mensagens para determinado grupo cultural. Por meio de códigos, signos e técnicas com a possibilidade de chegar de maneira clara ao receptor.

A ascensão à liderança está intimamente ligada à credibilidade que o agente- folkcomunicador adquire no seu ambiente e a sua habilidade de codificar a mensagem no nível do entendimento de sua audiência. Em função da estrutura social discriminatória mantida em nações como a nossa, a massa camponesa, as populações marginalizadas urbanas e até mesmo extensas áreas proletárias ou de subempregos se comunicam através de um vocabulário escasso e organizado em significados funcionais próprios dentro dos grupos (BELTRÃO, 2008, p, 43.).

Deste modo, o agente folk é a pessoa responsável por receber toda mensagem que se veicula nas grandes mídias, processa essa mensagem e elabora por meio da toada os discursos para fácil entendimento e reflexão dos temas que os bois bumbás apresentam na arena durante os espetáculos.

Contudo, quando Beltrão em seus primeiros estudos elaborou a teoria da folkcomunicação teve como suporte a pesquisa de Paul Lazarsfeld, os líderes nem sempre são autoridades reconhecidas, mas

possuem carisma e alcançam a posição de conselheiros ou orientadores da estabelecida audiência folk. Beltrão utiliza como parâmetro os estudos do norte-americano Lazarsfeld, porém com um diferencial: Beltrão não considera o grau de instrução acadêmico como característica necessária ao líder de opinião, que submete os conteúdos recebidos ao crivo de ideias, princípios e normas do seu grupo (TRIGUEIRO, 2008, s/n).

Pesquisas mais recentes apontam um novo termo para referir-se ao líder folk, desta vez sendo denominado como ativista folkmediático. Pela função é aquele que consegue transitar entre as plataformas e utiliza da linguagem e se apropria para veicular e tornar inteligível para os demais que estão as margens dessa situação.

Era necessária a atuação de um ativista, comunicador folk, do mesmo grupo de referência, para reorganizar as narrativas midiáticas que, cada vez mais, chegam em volume e velocidade significativos ao alcance dos grupos populares que não estavam preparados para receber uma carga tão grande de informação dos meios massivos (TRIGUEIRO, 2008, p. 4).

Na atualidade reconhece esse novo espaço e a importância dos ativistas midiáticos dos sistemas folkcomunicacionais que atuam de forma própria nos movimentos participativos da cidadania, para além de agentes comunicadores vinculados aos movimentos culturais que utilizam estratégias, mas também que legitimam a sua participação como cidadãos conscientes do seu papel na organização da sociedade civil e possibilitando o conhecimento de certos assuntos

para demais indivíduos da sociedade. É visível nas falas do compositor Naferson Cruz sobre a toada Cabanagem ao declarar que:

A contextualização da letra eu faço uma interpretação da história da Cabanagem para os dias atuais. É uma Cabanagem contemporânea, e que não cessou, ainda continua. Se tu fores analisar continua o negro, o indígena, o caboclo todos lutando pelos direitos, por igualdade, liberdade. A represália continua, o movimento ele está silente, assim das pessoas combaterem veemente, mas esse sentimento continua. Um movimento que só ficou no nome, mas não na mesma proporção daquela época em que houve a guerra (CRUZ, entrevista 28/06/23).

É por meio da toada que o compositor/ativista midiático resume todo o seu conhecimento dos assuntos que debatem nas grandes mídias e formaliza numa espécie de música popular para passar sua ideia sobre determinadas pautas que são apresentadas no Festival Folclórico de Parintins como a preservação da Amazônia, da luta contra a extinção dos animais, a favor da terra dos povos originários, feminismos, intolerância religiosa, preconceitos e qualquer forma de violência.

Os ativistas midiáticos operam nas instituições locais e muito mais nas estruturas informais, espontâneas, em diversas situações, nos reclamos populares, para suprir as deficiências burocráticas e a prestação de serviços pelos setores públicos da maioria dos pequenos municípios brasileiros que,

quase sempre, não atendem às suas necessidades básicas de educação, saúde, segurança, cultura, comunicação, meio ambiente e tantas outras (TRIGUEIRO, 2008, p. 10).

Muitos são os apelos possíveis que por meio da toada entendida nesse estudo como dispositivo de comunicação popular gera uma amplitude de reconhecimento do indivíduo no meio social. No qual as manifestações de cultura popular assumem esse papel de educação, comunicação e interação dos grupos subalternos. De acordo com José Marques de Melo (2008),

A Folkcomunicação adquire cada vez mais importância pela sua natureza de instância mediadora entre a cultura de massa e a cultura popular, protagonizando fluxos bidirecionais e sedimentando processos de hibridação simbólica. Ela representa inegavelmente uma estratégia contra-hegemônica das classes subalternas. (MARQUES DE MELO, 2008, p. 25).

A toada compreende-se como essa ferramenta folkcomunicativa que aporta na sua singularidade de bens simbólicos e resume o olhar do ativista folkmidiático, o compositor. Nas suas visões de mundo, nos repúdios contra atos de desrespeitos sociais, políticos e culturais. Essa comunicação popular também abarca um emanados de informações dissociáveis ao conhecimento dos que não possuem um grau de escolaridade, ora aos que não têm acesso as grandes mídias.

A toada cabanagem como ferramenta do discurso antirracista

Cabanagem

(Naferson Cruz, Gabriel Moraes, Rubens Alves, Joel Almeida).

Boi Garantido

*Batuques ressoam na luta
E libertam o povo da dor
Cantos insuflam esperança
Que soa num tempo opressor*

*A revolta está na mente, é gente que tem fome
Tem sede de justiça, agora é bicho-homem
Nesse mundo de resmungo, sem nenhum alento
Ó pátria,.
Quem tu és, Brasil?*

*Ainda te chamam de preto-crioulo
Maria mulata foi injustiçada
Quantas dores? Quantas vidas vão calar?
Tapuio sem histórias pra contar
É mestiço assolado, sem lar
Vai pra rua o povo cantar*

*A certeza da vitória? Flores no chão
Pelo campo verdejante, no beiradão
Vou seguindo carregando a minha cruz
Em luta pela nova América
Amazônida, mestiça, indígena*

*Rebelados, aguião da insurreição
Louvantes à mercê, em oração
O Sol fulge a face da revolução
Rufam tambores pela mãe África
Amazônida, mestiça, indígena*

*Carabinas, morteiros, devoram teus sonhos
Quem é essa gente que cai pelo chão?
Por um novo tempo, futuro incerto
Te dão uma terra, um lote, um grão
Levanta cabano o que resta é lutar
Atacar!*

*Fogo! É vez do gueto
Revolta insana pela vida
Sem miséria, ideologia
Avante povo de alma vermelha*

*Fogo! É vez do gueto Revolta insana pela vida
Sem miséria, ideologia
Avante povo de alma vermelha
Vai pra rua o povo cantar*

A toada Cabanagem é uma composição de Naferson Cruz, Gabriel Moraes, Rubens Alves e Joel Almeida que faz parte do álbum 2022 do Boi Bumbá Garantido. Neste mesmo ano o Boi levou para a arena o tema: Amazônia do Povo Vermelho. Na segunda noite do Festival de Parintins o Garantido apresentou como subtema: Lutas, Resistências

e Revoluções, utilizando dessa noite para exaltar a negritude representada no momento da figura típica regional:

na segunda noite, entra em cena a diáspora negra do personagem coletivo, o “Povo Vermelho da Amazônia”, para juntar-se aos matizes indígena e caboclo em nosso manifesto artístico pelos povos da floresta. Queremos ter nossa própria escrita, eternizar a luta dos cabanos, de indígenas, de gente pobre que luta pela “terra livre” (REVISTA GARANTIDO, 2022, p. 28/29).

Ao analisarmos o início da toada nos deparamos com a estrofe: Batuques ressoam na luta/ E libertam o povo da dor/ Cantos insuflam esperança/ Que soa num tempo opressor. O trecho refere-se ao momento que os escravos na sua forma de cultuar faziam batuques em eventos religiosos, do ponto de vista simbólico, este ato servia como forma de alimentar os orixás, para que os mesmos pudessem proteger seus filhos humanos nas lutas. E com isso os libertando das dores que há tempos eram submetidos em senzalas e descasos que eram oprimidos pelos colonizadores. Para Naferson Cruz a toada também faz referência aos batuques dos negros que é um ritmo específico de Matriz Africana:

Só um detalhe para a percussão que é o ritmo do Olodum que foi o ritmo do movimento negro, que ele (o movimento) não ficou restrito aqui na região norte. Ele se insuflou ali na região nordeste e pegou um pouco desse ritmo do negro. Pois eles enquanto Amazonidas, eles tocavam seus ritmos

africanos, nos terreiros, nos quilombos (CRUZ, entrevista 28/06/23).

Entre 1835 a 1840, explodia na época Grão-Pará a única rebelião que levou o povo ao poder. A Cabanagem, foi uma revolta que deu visibilidade a um tipo humano amazônico renitente e persistente, os cabanos. Esse movimento ocorreu pelo fato da extrema pobreza na qual a região passava e o abandono político após a Independência do Brasil. O Movimento Cabano em seu primeiro momento foi descrito como negativo tanto para a História do Brasil, quanto para a Província do Grão-Pará. Pois a insurreição, o massacre da população amazônica e a tomada do poder pelo o povo comum, foi novidade para o Estado brasileiro (SILVA, 2021, p.15).

Um dos compositores Gabriel Moraes, diz como foi inspirada a toada:

a toada parte de um princípio de que ainda vivemos em “tempos cabanos”, pois somos marginalizados, e os políticos de ambos os lados ideológicos, continuam subindo nessa vida. Nada mudou! Nada mudará até que tenhamos consciência e uma hora novamente, o povo terá realmente seu devido poder na sociedade (MORAES, entrevista dia 25/06/23).

E isso é percebido na segunda estrofe da toada: A revolta está na mente, é gente que tem fome/ Tem sede de justiça, agora é bicho-homem/ Nesse mundo de resmungo, sem nenhum alento/ Ó pátria/ Quem tu és, Brasil? / Cansados da forma que eram tratados o único pensamento dos negros foi a revolta, uma revolta para a melhoria de

vida, por justiça, para serem tratados de uma forma mais digna. A expressão bicho-homem fazendo relação com a época em que negros não eram considerados gente por conta da cor da sua pele. A palavra alento faz referência a força pra lutar, sem algo que revigorasse a vida dos mesmos. Que Brasil é esse que deixa o filho que contribui para a sua miscigenação e identidade, que o deixa sofrer. Naferson Cruz em entrevista comenta sobre a causa da Revolta da Cabanagem:

Foi um movimento no qual lutavam pela igualdade social, preconceitos, mazelas sociais, uma vida bem difícil espalhados pelos beiradões da Amazônia e vivendo em Cabanas, sem assistência, sem nada e ainda vivendo com represália por parte da Regência de Portugal, da polícia portuguesa. Mas aí eles se rebelaram na praça Nossa Senhora das Mercês, em Belém. Se reuniram e no final de uma tarde resolveram lutar por melhoria de vida e uma Nova América, pois foi um movimento que se estendeu a outros países (CRUZ, entrevista 28/06/23).

A toada assume o papel de ferramenta comunicativa de minorias e representada na letra, isso é observado nas falas de Cruz. Ainda no século XXI, há casos de desrespeito e racismo contra pessoas negras. Nos primeiros meses de 2023, o número de denúncias de racismo já supera o primeiro semestre de 2022, segundo o site da CBN (www.cbn.globoradio.globo.com) os dados mostram que a igualdade racial ainda está longe de ser alcançada. O Brasil ainda vive em tempos da colonização quando os escravos eram desrespeitados e violentados até a morte.

Na perspectiva decolonial o Boi Garantido apresentou esse momento para dar visibilidade ao povo negro escravizado, que na época contribuiu para a formação social da Amazônia. Dentro do bumbódromo houve um canto de respeito pelo povo da cultura africana que tanto contribuiu para a manifestação cultural do boi. O papel artístico que é trabalhado na arena reflete aos registros atuais alarmantes de pessoas negras que sofrem violência racial no Brasil. Segundo uma pesquisa feita no ano de 2022 pelo Observatório do 3º setor sobre os direitos humanos que teve uma publicação do Fórum da Segurança Pública informa que a violência racial no país chegou a mais de 408 mil pessoas negras violentadas no Brasil, isso representa 78% do total de homicídios do período. Em referência ao ano de 2021 houve um aumento de 1,8% no país em relação ao ano de 2022.

No decorrer da toada a estrofe: Ainda te chamam de preto-crioulo/ Maria mulata foi injustiçada/ Quantas dores? Quantas vidas vão calar? / Tapuio sem histórias pra contar. Numa forma pejorativa chamavam os negros de preto crioulos sem respeito algum. Maria Mulata foi uma figura feminina da época que sofreu bastante. As mulheres na época da Cabanagem foram importantes pois eram elas que levavam alimentos e informações aos cabanos. Nessa estrofe percebe-se as indagações sobre dores e mortes, pois mesmo depois de muito tempo ainda existe o racismo, preconceito e falta de respeito com a vida do próximo. Em relação aos tapuios são figuras indígenas que eram fruto da miscigenação de indígenas e negros que viviam nos beiradões da Amazônia.

O movimento da Cabanagem curiosamente, recebe o nome considerado pejorativo e se refere às habitações típicas da província, construídas como “cabanas” ou “palafitas”. A cabanagem resultou com a morte de mais de 30 mil pessoas, chegando a quase 40% da popula-

ção da província. Dizimou tantas vidas como de povos ribeirinhos, quilombolas, indígenas, bem como membros da elite local. Uma vantagem foi que desorganizou o tráfico de escravos na época e multiplicou a população quilombola na região.

Na estrofe a seguir é possível observar a incerteza que foi a luta dos cabanos no movimento da Cabanagem: É mestiço assolado, sem lar/
Vai pra rua o povo cantar/ A certeza da vitória? Flores no chão/ Pelo campo verdejante, no beiradão/ Vou seguindo carregando a minha cruz/ Em luta pela nova América/ Amazônida, mestiça, indígena. A luta das minorias que fizeram parte da cabanagem, incertos de suas lutas, mas estavam em busca de melhorias, mesmo com todo o fardo que carregavam estavam esperançosos em suas conquistas no que viria colaborar com uma nova cara para a Amazônia, pois depois desse momento histórico para o Brasil resultou no crescimento de quilombos nessa região do antigo Grão- Pará.

O negro teve forte presença durante esse movimento, então a figura negra era central nas camadas populares, os mesmos exigiam melhores condições de vida e o fim da escravidão:

A condição do negro na Amazônia não era muito diferente em relação ao resto do território brasileiro, ainda era traficado e mantido na condição de escravo, onde continuava sendo visto como objeto e comercializado. Introduzidos na economia desde o século XVIII na província do Grão- Pará, mas é somente na primeira metade do século XIX que os negros são vistos com agentes políticos (com grande dificuldade devido as ações minimizadoras que lhes coube) participando da Cabanagem “engrossando as fileiras da massa rebelde” (SILVA apud PINHEIRO, 1999, p.152)

Ao decorrer da toada percebe-se mais sobre o momento em que ocorreu: Rebelados, aguião da insurreição/ Louvantes à mercê, em oração/ O Sol fulge a face da revolução/ Rufam tambores pela mãe África/ Amazônida, mestiça, indígena. Rebeldes que não se submetiam mais as condições nas quais viviam, não aceitando mais as regras, as normas. Revoltaram-se contra as autoridades. Estavam em orações para se manterem de pé e assim com raça e força lutarem e fazerem uma revolução.

São notáveis alguns termos/códigos que os compositores utilizaram que fazem referência aos que eram falados na época e que recebem significados particulares: Carabinas, morteiros, devoram teus sonhos/ Quem é essa gente que cai pelo chão? / Por um novo tempo, futuro incerto/ Te dão uma terra, um lote, um grão/ Levanta cabano o que resta é lutar/ Atacar! O trecho faz muita alusão ao momento que ocorreu a revolta dos cabanos sobre o armamento que tinham para enfrentar os colonizadores. O poder do povo que se arriscava pela liberdade de viver. Ao mesmo tempo que eram submetidos a aceitar o pouco e mesmo assim viviam nas situações mais indigentes. Essa negociação não era favorável e os causava revolta restando-lhes apenas lutar.

A toada assume o papel de ferramenta comunicativa de minorias e representada na letra da toada e faz essa ligação da história do passado com a mensagem que se quer repassar no presente, isso é observado nas falas de Moraes ao revelar que:

Ela (toada) realmente faz essa liga entre o passado e o presente. Tivemos a abolição da escravidão, que foi apenas no papel, mas o sentimento continua impregnado e disfarçado de falas mansas. Ela

apenas escancara que o negro, o pobre, o indígena, ainda devem lutar pelos seus direitos (MORAES, entrevista dia 25/06/23).

O racismo é um dos crimes muito presentes na nossa sociedade, há casos que resultam vias de fato e mortes. E que é algo estrutural da sociedade brasileira desde que o país era colonizado pelos portugueses. E mesmo sem muita dureza é fácil identificar em ações que ocorrem rotineiramente em nossas vidas. Como por exemplo, uma piada metaforicamente comparando, ou diminuindo algo de ruim a condição da pessoa negra,

o racismo é uma ideologia e uma prática que está em constante transformação, razão pela qual ele pode assumir diferentes formas em diferentes momentos históricos. Observamos em todas as suas manifestações como diferenças de status cultural e status material se reforçam mutuamente na reprodução da marginalização de minorias raciais (MOREIRA apud Omi e Winant, 2019, p. 30).

Infelizmente ainda é comum ligarmos a tv e acompanharmos nos noticiários pessoas que sofrem racismo, onde são levadas ao total constrangimento com piadinhas e comparadas à diversas coisas na intenção de desmoralizar a imagem da pessoa. Um dos casos mais recentes pode ser citado o jogador brasileiro Vinny Júnior, quando numa partida de futebol na Europa com o estádio lotado foi chamado de macaco por vários torcedores que se encontravam naquele momento.

A grandiosidade do Festival Folclórico de Parintins, por meio da toada do boi Garantido proporciona esse chamamento, esse convite ao povo e sem distinção de raça, religião e orientação sexual a lutar. A lutar por igualdade social, lutar para uma vida mais digna e com paz a todos. A manifestação cultural de Parintins hoje tem alcance mundial e por meio da arte é possível ensinar aos povos e indicar a eles o seu lugar e seu poder na sociedade.

E isso pode ser observado nessa estrofe: Fogo! É vez do gueto/ Revolta insana pela vida/ Sem miséria, ideologia/ Avante povo de alma vermelha. A vez das minorias, do povo negro em busca de seus direitos. Contra a ideologia dominante que vivam na época em que eram maltratados. Sem mais aquela vida de miséria. O que resta é lutar! E lutar cotidianamente porque o que vemos ainda é a submissão dos negros a alguns constrangimentos e situações que levam até a fins da própria vida.

O compositor Naferson Cruz, comenta sobre a ideia da toada com a ligação dos tempos de Cabanagem aos tempos atuais:

Então a mensagem foi essa, lembrar um pouco da história e contar o que foi a cabanagem na época das injustiças, mazelas sociais, da luta deles de uma Amazônia muito maior e uma Nova América. E dizer que todo esse manifesto, ela é um sentimento do povo Garantido, que é exaltado nas festas do boi Garantido (CRUZ, entrevista 28/06/23).

Os compositores são dotados desse poder e tem o papel de comunicar com responsabilidade, de levar a informação através da toada para despertar esse interesse dos anseios do povo subalterno. A toada

nesta perspectiva se torna em um código no qual o compositor reúne todo seu conhecimento de um fato e cria suas falas/códigos para transformar em uma mensagem/comunicação a quem faz parte do grupo em referência. O compositor serve como uma ponte entre a estrutura midiática convencional, o simbólico, e a decodificação folkcomunicativa de um grupo específico, de forma que ele traduz em estrofes musicais a sua interpretação.

Considerações finais

As toadas de boi bumbá carregam em si mensagens folkcomunicativas com informações, anseios de um grupo para os demais grupos sociais. É possível avaliar a toada na ótica da folkcomunicação como esse espaço de fala e ao mesmo tempo de facilidade de comunicar o público a qual se quer chegar. Pois essas mensagens são veiculadas tanto oralmente quanto pelas rádios, televisão e meios digitais.

É importante destacar o trabalho cuidadoso do artista compositor ao ter a responsabilidade e o comprometimento de discutir por meio da sua obra assuntos que são debatidos nas grandes mídias e que são meios de comunicação populares que também vão gerar debates nas rodas de conversas, nos bares, nas esquinas para aqueles que não possuem um grau de escolaridade elevado.

Nessa perspectiva os assuntos como a análise da toada Cabanagem trazem um olhar e chamam a atenção para os discursos racistas, de ódio que ainda existem na nossa sociedade. É através da toada cantada que se expande o conhecimento da história do povo negro, da luta, da resistência de suas conquistas. E com isso, levantando a bandeira antirracista, por mais respeito entre as raças. Por mais liberdade aos negros que deixaram de ser escravizados há tempos, pre-

cisamos dar passos mais longos para aprender e ensinar as próximas gerações.

E como objetivo da pesquisa foi analisar a toada como essa ferramenta que ajuda a debater assuntos importantes, pautas sociais que são discutidas nas grandes mídias e que vão gerar conhecimento inteligível ao grupo subalterno. Hoje em dia com o alcance internacional que o boi bumbá tem os compositores apresentam em suas obras a riqueza da cultura negra, e ao mesmo tempo valorizam suas lutas, resistências para que haja num novo tempo uma contestação do racismo, preconceitos com um povo que também soma muito para a identidade do Brasil.

Referências

BELTRÃO, Luiz. Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

BELTRÃO, Luiz. A comunicação dos Marginalizados. IN: Gobbi, Cristina; Marque de Melo, José (Orgs). Caderno: Folkcomunicação – a mídia dos excluídos. Ed. 17, Prefeitura do Rio de Janeiro; - Rio de Janeiro: A Secretaria, 2007.

CASCUDO, Luís da Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro. Edições de Ouro, Rio de Janeiro: 1979.

GOBBI, Cristina. Folkcomunicação – A mídia dos excluídos. Ed. 17, Prefeitura do Rio de Janeiro; - Rio de Janeiro: A Secretaria, 2007.

GOMES, Jessica Dayse Matos; COSTA, Renilda Aparecida. Folkcomunicação e o Festival de Parintins: a cultura negra através das toadas de boi bumbá, 2008.

HOLHFELDT, Antônio. Folkcomunicação: sadio oportunismo de quase meio século, Anuário Unesco, Umesp de Comunicação Regional, 2002.

MELO, José Marques de. Mídia e cultura popular: história, taxionomia e metodologia de Folkcomunicação. São Paulo: Paulus, 2008.

MOREIRA, Adilson. Racismo Recreativo. – São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

PARIZOTTI, Roberto. Nos primeiros meses de 2023, número de denúncias de racismo já supera primeiro semestre de 2022. Site CBN Rádio, coluna Policial. Acesso dia 26 de julho de 2023. Disponível em: www.cbn.globoradio.globo.com

REVISTA GARANTIDO. Ano XXII – 20. □ EDIÇÃO JUNHO DE 2022.

SILVA, Karina Balieiro da et al. Espelhos de uma Revolução: a Cabanagem na região amazônica (1835-1840). 2021.

TRIGUEIRO, Osvaldo. O Ativista midiático da rede folkcomunicacional. Revista Internacional de Folkcomunicação, v. 4, n. 7, 2008.

Fontes orais

Entrevista realizada com Gabriel Moraes, compositor da Associação Folclórica Boi Bumbá Garantido, em 25 de junho de 2023.

Entrevista realizada com Naferson Cruz, compositor da Associação Folclórica Boi Bumbá Garantido, em 28 de junho de 2023.

Toada citada

Cabanagem, composição de Naferson Cruz, Gabriel Moraes, Rubens Alves e Joel Almeida, do álbum Amazônia do Povo Vermelho, 2022. Acesso em: 23.jun.2023. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/3inWmakzODgCOwVaA3YtWa?si=z6AQT9LiQj6RjARW5ZES>